Passos da Semiótica Tensiva

Luiz Tatit

Ateliê Editorial

SUMÁRIO

Introdução 11

1. Narrativas e Acontecimentos 25
2. A Questão da Intensidade na Teoria Greimasiana 37
3. Bases do Pensamento Tensivo 61
4. Claude Zilberberg e a Prosodização da Semiótica 89
5. Retorno e em Torno do Plano da Expressão 117
6. O Acento Semiótico 141
7. O Modo de Ser da Linguagem Verbal 163
8. O Reflexo do Paradoxo em "O Espelho" 173
9. O Mundo da Canção. 195
10. A Arte de Compor Canções 207
11. Muito Menos e Muito Mais: Análise de "Nome" (Arnaldo Antunes) 223

Conclusão. 237
Referências Bibliográficas 245
Sobre o Autor 249

INTRODUÇÃO

SEMIOTIZAÇÃO OU GRAMATICALIZAÇÃO

O propósito fundamental destas páginas é apresentar uma leitura particular da evolução do pensamento semiótico inaugurado há mais de meio século por Algirdas Julien Greimas. Trata-se, na verdade, de uma leitura da leitura elaborada pelo autor francês Claude Zilberberg desde o início da década de 1980 até o ano de 2012.

Este pesquisador conseguiu encontrar as pistas de um novo caminho para a semiótica, mais afeito aos fenômenos sensíveis e imprevisíveis que se apresentam nos processos de significação, não apenas se valendo das intuições de poetas e artistas interessados pelo tema (Charles Baudelaire, Paul Valéry etc.), mas principalmente de uma interpretação mais profunda de certos teóricos fundadores do pensamento estrutural na linguística e na antropologia, como Ferdinand de Saussure, Louis Hjelmslev e Claude Lévi-Strauss. Aliás, foi do cotejo sistemático do criador da semió-

tica com esses precursores e artistas que nasceu o "Greimas de Zilberberg", ou seja, o teórico capaz de escrever um dicionário analítico de definições precisas e orgânicas, enquanto medita sobre o papel da *imperfeição* na construção do sentido.

Era de se esperar que, aficionado da poesia, da arte surpreendente e dos acontecimentos inopinados, Zilberberg renegasse os caminhos metodológicos propostos pela semiótica, essa suposta ciência da significação, e saísse em busca do que parecia ser mais compatível com as indagações solitárias dos próprios poetas ou dos ensaístas que os tomavam como objeto de estudo. Poderia ter sido, por exemplo, um seguidor bem sucedido de Roland Barthes em sua fase derradeira e teria, assim, evitado a conotação "regressiva" que a intelectualidade francesa atribuiu ao pensamento estrutural a partir de maio de 1968.

No entanto, Zilberberg foi um assíduo frequentador dos seminários coordenados por Greimas e participante ativo do grupo de pesquisas sêmio-linguísticas da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, no interior do qual delineou os princípios que vieram a nortear a então nascente "semiótica tensiva". O teor dessa expressão poderia nos conduzir, num primeiro momento, à antítese frontal do famoso título que marcou o início da semiótica na França: *Semântica Estrutural*[1]. As oscilações e gradações sugeridas pela ideia de tensividade pareciam incompatíveis com as oposições e semelhanças equacionadas em estruturas no livro inaugural. Mas verificamos em seguida que o projeto do semioticista francês era exatamente este: procurar o ritmo, o tempo, o afeto, o acento e demais concepções tensivas no âmago da própria estrutura. Para tanto, mobilizou outras frentes de compreensão

1. Algirdas Julian Greimas, *Semântica Estrutural*, São Paulo, Cultrix, 1973 [1966].

das obras do mais importante trio (Saussure, Hjelmslev e Greimas) que deu origem à semiótica, além de integrar a esse pequeno contingente alguns filósofos (Gaston Bachelard, Ernst Cassirer etc.), poetas-pensadores, como Paul Valéry, e até um historiador das Artes, como Heirich Wölfflin, por já ter examinado com critérios tensivos a evolução da pintura ocidental.

O especial interesse de Greimas pela *espera* que, como tal, organiza as etapas narrativas do discurso contrasta com a atenção dispensada por Zilberberg à *surpresa*, cujo caráter imprevisível tende a subverter a ordem lógica do sentido. O autor lituano construiu sua teoria orientando-se em boa medida pelas conexões actanciais traçadas inicialmente por Vladimir Propp e descrevendo prosas bem encadeadas como a de Guy de Maupassant, enquanto o pesquisador francês adotava os ensinamentos do mestre, mas sempre confrontando-os com os aforismos de Valéry e aplicando-os em textos poéticos caracterizados por linguagem pouco linear e plena de significações simultâneas e velozes, como o famoso poema "Larme", de Arthur Rimbaud[2].

Contudo, por caminhos aparentemente antagônicos, ambos os semioticistas dispuseram-se a compreender (e explicar) os mecanismos pelos quais o ser humano produz significação, uma vez que o resultado dessa produção é uma evidência inquestionável com a qual convivemos durante toda a vida. Tais mecanismos devem constituir para eles um inventário finito de categorias, relacionadas entre si do ponto de vista morfológico e sintáxico, destinado a representar a forma do sentido. Todo esse processo define o que Greimas entende por *semiotização* dos fenômenos ou dos próprios conceitos. Embora Zilberberg também tenha adotado esse termo

2. Claude Zilberberg, *Razão e Poética do Sentido*, pp. 197-277.

em seus trabalhos analíticos, aos poucos foi substituindo-o pela ideia de *gramaticalização*, por lhe parecer mais próxima da noção de estrutura em sua acepção dinamarquesa. Assim como o pensador lituano se propôs a semiotizar as chamadas figuras passionais (a cólera, a avareza, a vingança etc.), o semioticista francês se empenhou em gramaticalizar nossas vivências e emoções, não vendo qualquer paradoxo na expressão "gramática do afeto"[3].

SEMIÓTICA E METODOLOGIA

Ao chegarmos a esse ponto, contudo, é preciso repensar a semiótica greimasiana em sua busca inicial de metodologia descritiva, não apenas para empreender as suas próprias aplicações em textos de toda natureza, mas também para dar apoio às análises de outras ciências sociais. Filiado à forte perspectiva estrutural que reinava na França na passagem da década de 1950 para a de 1960 e, nessa linha, acreditando na viabilidade de se fazer ciência ou ao menos um "projeto de ciência" na área das Humanidades, Greimas gostava de frisar a "vocação metodológica" de sua teoria juntamente com a necessidade de dissociá-la das interpretações subjetivas que então prevaleciam nos estudos sobre o sentido.

Os dois capítulos iniciais deste volume ("Narrativas e Acontecimentos" e "A Questão da Intensidade na Teoria Greimasiana") ressaltam esse compromisso de Greimas com a "pesquisa de método" e sua inclinação cada vez mais nítida para o pensamento narratológico com ênfase no "projeto, realização e destino" do sujeito que, em última instância, deseja persistir no seu ser, ou

3. Claude Zilberberg, *Elementos de Semiótica Tensiva*, p. 12.

seja, alcançar a si próprio. Valoriza-se então a noção de *identidade* entre sujeito e objeto, considerando esse último como parte integrante do ser do sujeito. Em outras palavras, para o fundador da semiótica, o sujeito mantém-se em conjunção com o objeto, mas nem sempre de maneira contígua. Um dos principais papéis da narrativa é converter uma conjunção à distância (figurativizada como "esperança", "saudade", "desejo" etc.) em conjunção plena. A identidade manifesta-se igualmente no conceito de *contrato* entre destinador e destinatário. Tanto a persuasão (fazer crer) como a manipulação (fazer fazer) promovem o consenso (a identidade de opiniões) entre os actantes que vão desencadear a narrativa. Todas essas manobras semióticas convergem para a *espera* de que a conjunção à distância se torne contígua.

O foco na espera, na identidade e no contrato não chega a eliminar do modelo teórico os embates com a surpresa, as alteridades (as relações polêmicas) e os estados extremos (carência e excesso), mas certamente diminui o impacto desses últimos no cerne da teoria, uma vez que os fenômenos e as grandezas acabam sendo reformulados pela análise numa ótica implicativa que tende a neutralizar suas eventuais intensidades de cunho emotivo. Se tal enfoque contribui para a estabilização do método de análise, não se pode dizer o mesmo quando se trata de conhecer melhor os matizes sutis do sentido. O sujeito procura a si mesmo, mas também procura o não-ser que há em si, ou seja, por vezes ele se afasta da busca narcísica e se mostra atraído pelo que não foi no passado nem será no futuro, atraído pela própria diferença, pelo outro, a ponto de o inserir em seu programa de vida. É nessa linha de pensamento que ganha importância o estudo dos acontecimentos inesperados e, por conseguinte, a formulação de

uma gramática para abordá-los. Surge, então, ao lado da gramática implicativa, uma gramática concessiva voltada aos fenômenos considerados inexistentes…, embora aconteçam!

PROSODIZAÇÃO EPISTEMOLÓGICA

Dedicamos, então, o terceiro e o quarto capítulos aos princípios que norteiam a obra de Claude Zilberberg, semioticista que trouxe a música, a intensidade, a temporalidade e os afetos para o centro da teoria, num diálogo permanente com os fundamentos estruturais.

Em "Bases do Pensamento Tensivo", mostramos como o autor francês, entusiasta das relações entre razão e poética, empenhou-se em construir uma "prosodização do conteúdo", atividade que pode ser resumida no contraponto da semiotização fundada por Algirdas Julien Greimas com a temporalização praticada por Paul Valéry, com a ideia de acentuação adotada por Ernst Cassirer e ainda com a musicalização encontrada em Gisèle Brelet. O que está em jogo, no fundo, é a possibilidade de o funcionamento prosódico das línguas naturais com seus acentos e modulações, ascendentes e descendentes, oferecer um modelo eficaz para se compreender também os aumentos e diminuições típicos das apreciações que realizamos do sentido abstrato. Assim como nossas entoações direcionam-se a um ápice quando em movimento de elevação (a chamada "prótase"), e podem ser formadas tanto por um como por diversos segmentos melódicos intermediários, nossas avaliações sobre os conteúdos também podem evoluir do "demasiadamente pouco" ao "demasiadamente muito", passando pelo "menos pouco", "suficiente", "mais que suficiente", "muito" etc., até o pon-